



Carta Política – Tenda Maria Emília

“O elo que unifica os trabalhadores do campo e da cidade é o alimento, é a semente.” (Maria, juventude, militante do Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA)

Durante os dias 4 e 7 de novembro de 2019, no município de São Cristóvão em Sergipe, ocorreu o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia com o lema “Ecologia de Saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares”. Floresce nesse espaço, em sua segunda edição organizada pelo Observatório de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de Sergipe, a *Tenda Maria Emília* com a proposta de ampliar a discussão e promover a educação popular em Soberania Alimentar e Segurança Alimentar e Nutricional.

Através de um espaço aberto, aconchegante – e sendo citado por todos que participaram como um local que convidava todas e todos a sentar e participar das discussões – nós debatemos sobre a segurança alimentar e nutricional, a juventude do campo e da cidade, feminismo, programas e políticas públicas, educação nutricional, modos e formas do comer associados com a agroecologia.

Perguntamo-nos qual o papel do campesinato? A quem interessa a nossa alimentação e a forma como comemos? Qual a contradição a ser focalizada atualmente? Essas foram questões levantadas que colocam em xeque o avanço do neoliberalismo, os impérios alimentares e visualizam a agroecologia como um movimento contra hegemônico e revolucionário, com o incentivo aos mercados de proximidade e na defesa pelos bens comuns – água, terra e sementes –, pela reforma agrária popular, sendo estes promotores da Soberania Alimentar, da defesa dos territórios e expressando a luta contra a perspectiva ideológica capitalista.

Entendemos que para a efetivação disso, é necessária uma abordagem feminista da agroecologia, de mulheres teimosas e mangabeiras que resistem para existir, afinal não há agroecologia em sua totalidade com o sangue das mulheres, sendo importante destacar a diferença entre os espaços de construções femininas e os espaços de construções feministas, sendo este feminismo de base camponesa, popular e coletiva.

Apontamos a necessidade de enxergar o alimento como um sistema de linguagem, da cultura de diversos povos, ressaltando-o enquanto um patrimônio. Não há soberania sem a emancipação das mulheres e esta soberania precisa ser vista como uma questão política de dimensões complexas. Assim, sugerimos a realização de mais debates e o desenvolvimento de propostas de estudos e ações de extensão com enfoque nas mulheres.

A semente crioula é a semente da liberdade, que promove a recuperação da agrobiodiversidade, sendo a juventude a sua guardiã e a multiplicadora dos saberes e dos fazeres no campo e na cidade. Destacamos aqui a importância do aumento das oportunidades no campo, a ampliação de recursos para programas e políticas públicas, o acesso à educação para e com os camponeses em seu próprio território.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Ressaltamos também a necessidade de defender e lutar pela existência dos programas e ações no campo e pelo reconhecimento de sua importância para a produção de alimentos saudáveis e para a Agricultura Familiar, sendo destacados o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), ambos sendo atualmente desmontados pelo governo federal. Neste sentido, não aceitamos os desmontes e retrocessos perpetrados na atualidade como a liberação desmedida de agrotóxicos e a consequente contaminação de nossa água e nossos solos.

Exigimos, portanto, maior controle da qualidade da água e do solo e ampla divulgação dos resultados de monitoramento e avaliação na perspectiva da nossa segurança hídrica e do cumprimento de nosso direito à informação como algo imprescindível à realização de nosso direito à alimentação adequada de forma autônoma e consciente.

Defendemos o fortalecimento de grupos de pesquisa que abranjam maior diversidade de áreas do conhecimento e contemplem a participação ativa de representantes dos movimentos do campo e movimentos sociais, no sentido de qualificar e problematizar as discussões e proposições, com maior troca de saberes e proximidade à realidade local, condições fundamentais para o logro da efetividade.

Destacamos a necessidade de se construírem alternativas que fomentem e ampliem o acesso da população aos alimentos saudáveis e agroecológicos; que privilegiem os métodos limpos de produção; que promovam o resgate da cultura alimentar nos territórios; que promovam a consciência e a cidadania.

Reforçamos a necessidade de dar visibilidade aos problemas vivenciados nos territórios e denunciar as violações e retrocessos.

Indicamos a necessidade premente de retomar as construções coletivas de agendas públicas e locais, com propostas que possam contrapor o modelo hegemônico, tais como a taxaço de alimentos não saudáveis e o fomento de isenções à produção de alimentos de base agroecológica.

Acreditamos que: é no conhecimento popular; é numa perspectiva de construção da cidadania alimentar com base também na pesquisa-cidadã; é no respeito ao campo; é na promoção de qualidade de vida – lazer e cultura – para o campesinato e sua juventude; é na valorização do plantar e do cozinhar associados a uma divisão do trabalho emancipatória para as mulheres; é através da articulação política e de uma nova construção humano – natureza; é numa luta pelos bens comuns e contra a lógica de reprodução do capital no campo que a agroecologia permanece como resistência ativa.

Entre a semente e a flor há o tempo, tempo de lutar e de resistir!

São Cristóvão, 07 de novembro de 2019.